

SEÇÃO: ENTREVISTAS

O EXAME CLÍNICO OBJETIVO ESTRUTURADO NO CURSO DE FISIOTERAPIA: O OLHAR DO PROFESSOR

Érica de Matos Reis Ferreira¹, Fabiane Ribeiro Ferreira²,
Paula Maria Machado Arantes de Castro³, Daniela Virgínia Vaz⁴

RESUMO

As professoras adjuntas Fabiane Ribeiro Ferreira, Daniela Virgínia Vaz e Paula Maria Machado Arantes de Castro atuam no Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais e participam do projeto de ensino Avaliação de Competências Clínicas de Estudantes do Curso de Fisioterapia. Elas introduziram o Exame Clínico Objetivo Estruturado que é um instrumento de avaliação para medir habilidades e competências clínicas em acadêmicos de saúde, no Curso de Fisioterapia. Amplamente utilizado em cursos como medicina e enfermagem, há dois anos vem sendo aplicado no curso de Fisioterapia da UFMG por meio da iniciativa das professoras. Elas acreditam que esta ferramenta é um diferencial no processo de ensino e aprendizagem do estudante e um método de avaliação desafiador para o professor de fisioterapia. Nesta entrevista, Fabiane Ribeiro Ferreira, Daniela Virgínia Vaz e Paula Maria Machado Arantes de Castro falaram da inclusão deste exame no curso e seu significado para o professor e para o aluno.

Palavras-chave: Fisioterapia. Metodologia de Avaliação. Exame Clínico Objetivo Estruturado.

Como citar este documento – ABNT

FERREIRA, Érica de Matos Reis; FERREIRA, Fabiane Ribeiro; CASTRO, Paula Maria Machado Arantes de; VAZ, Daniela Virgínia. O exame clínico objetivo estruturado no curso de Fisioterapia: o olhar do professor. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e015084, p. 1-8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.15084>.

Recebido em: 11/09/2019
Aprovado em: 11/12/2019
Publicado em: 17/04/2020

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9068>. E-mail: ericamrf3@hotmail.com.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0033-7587-7493>. E-mail: fabianerf@hotmail.com.

³ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7064-9751>. E-mail: paulamma@gmail.com.

⁴ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0470-6361>. E-mail: danielavvaz@gmail.com.

EL EXAMEN CLÍNICO OBJETIVO ESTRUCTURADO EN EL CURSO DE FISIOTERAPIA: LA MIRADA DEL PROFESOR

RESUMEN

Las profesoras Adjuntas Fabiane Ribeiro Ferreira, Daniela Virgínia Vaz y Paula Maria Machado Arantes de Castro actúan en el Departamento de Fisioterapia de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG) y participan del proyecto de enseñanza evaluación de las competencias clínicas del estudiante en el curso de Fisioterapia. Ellas introdujeron el Examen Clínico Objetivo Estructurado en el Curso de Fisioterapia, que es una herramienta de evaluación formativa para calificar habilidades y competencias clínicas en académicos de salud. Ampliamente utilizado en cursos como medicina y enfermería, desde hace dos años se viene aplicando en el curso de Fisioterapia de la UFMG a través de la iniciativa de las profesoras que creen que esta herramienta es un diferencial en el proceso de enseñanza y aprendizaje del estudiante y un método de evaluación retador para el profesor de fisioterapia. En esta entrevista, la coordinadora del Curso de Fisioterapia, Fabiane Ribeiro Ferreira y las profesoras Daniela Virgínia Vaz y Paula Maria Machado Arantes de Castro, hablaron de sus percepciones y significados de la inclusión de este examen en el curso, para el profesor y estudiante.

Palabras Clave: Fisioterapia. Metodología Evaluación. Examen Clínico Objetivo Estructurado.

THE OBJECTIVE STRUCTURED CLINICAL EXAMINATION IN THE PHYSIOTHERAPY COURSE: THE TEACHER'S PERSPECTIVE

ABSTRACT

Professors Fabiane Ribeiro Ferreira, Daniela Virgínia Vaz and Paula Maria Machado Arantes de Castro act as adjunct professors in the Physiotherapy Department at the Federal University of Minas Gerais and participate in the teaching project "Evaluation of Clinical Competencies of Students" in the Physiotherapy Course. They introduced the Objective Structured Clinical Examination, which is an assessment tool to measure clinical skills and competences in health students, in the Physiotherapy Course. Widely used in courses such as medicine and nursing, for two years it has been applied in the Physiotherapy course at UFMG through the initiative of the teachers. They believe that this tool is a differential in the teaching and learning process and a challenging assessment method for the physiotherapy teacher. In this interview, Fabiane Ribeiro Ferreira, Daniela Virgínia Vaz and Paula Maria Machado Arantes de Castro spoke about the inclusion of this exam in the course and its meaning for the teacher and student.

Keywords: Physiotherapy. Evaluation Methodology. Objective Structured Clinical Examination.

Entrevistadoras: O que é o Exame Clínico Objetivo Estruturado (OSCE)?

Fabiane Ferreira: O OSCE é um exame que avalia competências do aluno através de situações que simulam a prática clínica. Essas situações são mimetizadas por atores em estações, que são salas onde o aluno entra e realiza as tarefas solicitadas pelo professor dentro de um tempo limitado. Dentro das salas fica um avaliador, que preenche um *checklist* enquanto observa como o aluno soluciona, de forma adequada ou não, a tarefa. Então, para cada estação, montamos uma situação em que pode haver diversos personagens, como paciente, gestor de serviço e outros profissionais de saúde, dependendo de qual habilidade queremos avaliar. Por exemplo: se queremos avaliar a habilidade de comunicação do aluno, montamos a estação com um paciente e solicitamos ao aluno realizar uma entrevista ou anamnese. Esse ator faz o papel de paciente de acordo com as instruções que são dadas a ele, e o aluno é avaliado através do *checklist*. Na porta da sala, antes de o aluno entrar, ficam as instruções sobre o caso do paciente ou da situação da estação e as tarefas que ele deve cumprir.

Entrevistadoras: Conte-me sobre a história do OSCE aqui no curso de fisioterapia da UFMG. Como o OSCE chegou aqui?

Fabiane Ferreira: Quando eu entrei para o departamento, junto com a professora Paula Maria Machado Arantes de Castro, nós começamos a investir na Saúde Pública, porque entramos para essa cadeira. Nós nos propusemos a repensar a clínica III, que é o estágio na atenção básica. Nessa época, a Paula Maria Machado Arantes de Castro teve contato com a Prof.^a Eliane Dias Gontijo, professora da Medicina que trabalha com processos de avaliação e que trouxe essa sementinha para nós. Assim, tivemos contato com o OSCE. Eu já tinha lido algo a respeito, mas nada muito consistente. A Paula Maria Arantes Machado de Castro fez uma oficina oferecida pela Prof.^a Eliane Dias Gontijo e voltou muito empolgada. Trouxe o material que ela viu lá, me mostrou, me contou sobre a experiência e resolvemos fazer “com a cara e a coragem”! Começamos a pensar numa forma de viabilizar o OSCE. Pensamos no local, passeamos pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) e descobrimos um cantinho que tinha três portas de um lado e três do outro. Por esse motivo, determinamos que seriam três estações no OSCE. Então, chamamos a professora Daniela Virgínia Vaz. Ela já havia falado um pouco sobre OSCE conosco. Fomos reunindo essas pessoas que tinham interesse em modificar os processos de avaliação e começamos a aplicar o OSCE.

Entrevistadoras: Isso foi quando? Em que ano?

Fabiane Ferreira: Isso faz dois anos. Naquele ano, no primeiro semestre de 2019, o OSCE teve sua quarta edição na Clínica III. No site da escola, há uma reportagem sobre o primeiro OSCE no curso de Fisioterapia. Começamos fazendo-o no décimo período. Nós o fazemos no

meio do semestre, justamente para que os alunos possam ter um tempo para refletir e modificar a prática, pois o OSCE tem um caráter formativo, apesar de algumas vezes ser utilizado com outro objetivo, como certificação ou concurso, mas nossa intenção é que ele seja formativo. E, atualmente, o OSCE tem sido aplicado para outros períodos. A ideia é expor o aluno a esse tipo de avaliação, porque acreditamos que ela tem um diferencial. Ela oferece oportunidade aos professores de avaliar outras competências e não só as questões de conteúdo e, por isso mesmo, proporciona a oportunidade de discussões sobre atitudes e profissionalismo.

Entrevistadoras: Se você tivesse que apresentar o OSCE para outros professores de Fisioterapia, relatando benefícios e dificuldades dessa técnica de avaliação, o que você diria a eles? Como motivá-los a usar o OSCE também?

Fabiane Ferreira: Na verdade, eu iria apresentá-lo da forma como ele acontece e com muita empolgação, porque eu realmente acredito no potencial que ele tem. Eu acredito que os professores, em geral, têm interesse em utilizá-lo. Muitos professores já se interessaram em conhecer o OSCE, muitos querem implementá-lo, mas, realmente, ele despende trabalho e tempo. Para fazermos o OSCE, a Paula Maria Machado Arantes de Castro dorme às três horas da manhã, né (risos)? Utilizamos horários fora do nosso expediente. Às vezes, nós íamos ao sábado para a realização do OSCE por causa de espaço disponível. Então, tem muito mais a ver com amor do que com qualquer outra coisa. Mas é inegável que quando falamos do OSCE, as pessoas se interessam muito, porque veem, realmente, como uma forma diferenciada de avaliação, de conseguir um outro olhar, de ter um outro feedback para o aluno, de ter uma conversa mais focada e significativa. Eu acredito que o aluno passa por essa experiência e ela faz sentido para ele. A discussão se enriquece, mas existe a questão do trabalho e do tempo que é necessário para que a avaliação seja viabilizada. Aqui, na escola, nós ainda não temos uma estrutura adequada, física e apoio logístico para fazer o OSCE. Fizemos convênio com os alunos de teatro da Belas Artes e isso é muito enriquecedor, torna o trabalho mais real. Mas os professores fazem todo o restante do processo: do crachá ao lanche! Então, realmente, é um trabalho grande! Mesmo assim, eu acredito que os professores, na sua maioria, ficam interessados. Eu acho que eles gostariam de fazer, mas há uma questão de viabilidade mesmo e principalmente de tempo.

Entrevistadoras: E como você vê o significado do OSCE para o professor?

Fabiane Ferreira: Olha, nós ficamos mortos, mas na hora que eu saio daqui, após o OSCE, eu fico muito feliz! Nós temos iniciado o feedback coletivo com os atores. Foi um *insight*, porque, na verdade, não vimos isso em lugar nenhum. Os atores falam do lugar, por exemplo, do paciente, que eu acho que é o feedback que não temos como dar! É um feedback para os alunos e para os professores também. Quando o ator fala, ali, daquele aluno, é como se ele estivesse falando de um filho meu (risos). Coisas ditas como: “olha,

você precisa olhar mais no olho do paciente!” Ou então: “parabéns, vocês foram muito humanos!” Sinto-me como uma mãe (risos)! Acho de uma riqueza imensa esse encontro entre professores e alunos para discutir uma situação de uma estação do OSCE. Aprendo muito. A minha sensação é de que eu saio aprendendo. Sempre há alguma coisa para eu refletir. Às vezes, é do conteúdo; outras vezes, é da forma; nós pensamos em algumas questões da própria estrutura do OSCE. O processo da avaliação e seu feedback trazem, para nós, reflexões sobre a questão didática, sobre a própria prática com o aluno no centro de saúde, sobre as relações mesmo, porque o OSCE traz essas questões das relações, das atitudes nas cenas. Por isso que eu falo da riqueza do feedback do ator, que aí é algo que não foi só a “mãe” que disse. Alguém de fora está observando também; é como se eu ganhasse um apoio para discutir a questão da atitude sobre a qual temos dificuldade de dar esse feedback e, às vezes, damos esse feedback sem consistência, porque passa da hora. Ali, é no calor do momento, o ator falou, o aluno ouviu. Mas ao mesmo tempo protegido é sem exposição a um paciente real. Além disso, não é uma visão do professor simplesmente! É um feedback mais consistente, mais preciso que terá significado para o aluno. Ele vai entender do que você está falando, porque dar um feedback descontextualizado, muitas vezes, ao invés de acrescentar você irrita, atrapalha a relação. É por isso que temos tanta dificuldade de falar de atitude. O conteúdo é simples, porque você sabe ou não sabe. Fica claro para nós dois, professor e aluno! Quanto às habilidades, talvez, sejam um pouco menos complicadas, mas a atitude, ela passa por valores. Ela passa por outras questões. Então, para mim, nesse sentido, o OSCE também é uma ferramenta muito importante.

Entrevistadoras: O OSCE está em sua quarta edição aqui no curso de Fisioterapia. Você vivenciou essa experiência desde o início. Na sua opinião, quais aspectos precisam ser melhorados para o professor que deseja realizar o OSCE?

Fabiane Ferreira: Em termos de formação, vamos levar uma oficina para a escola dos professores da Universidade de São Paulo (USP), de Ribeirão Preto, em agosto. Estamos caminhando bem. Temos o apoio do programa da Medicina na pessoa da Professora Eliane Dias Gontijo, que é uma figura extremamente disponível. Em termos técnicos, o ideal para você fazer o OSCE é de, pelo menos, cinco estações. Há referências que indicam doze. Nós fazemos com três. Não acho que perdemos, porque aproveitamos o que há de mais importante, que é o feedback, mas, em termos técnicos, não estamos cumprindo o método. Seria muito bom ter salas com espelhamento, alguns manequins e poder ampliar a avaliação para o nono período, fazendo um OSCE que simule uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Eu diria que o ideal seria se tivéssemos, pelo menos, dez salas equipadas de forma adequada. Gostaria de um camarim para os atores, onde eles pudessem trabalhar a cena, o personagem; algum apoio técnico mesmo no sentido da organização da “operação OSCE”; ter um espaço destinado para a atividade, ou espaço multiuso. Os professores ficariam com o tempo e função da criação das estações do OSCE. Isso seria um fator que motivaria outros

professores a utilizarem a técnica, porque assim ela seria viabilizada. O fato de você criar uma estação, observar os alunos passando por ela e discutir sobre seu desempenho fornece ao professor o material que, realmente, é significativo para aquela turma, porque a avaliação e, principalmente, a discussão fazem emergir temas que são importantes para aquele grupo de alunos específico, ou para um aluno. Algo que não estão compreendendo ou que gostariam de se aprofundar. Para o professor é uma oportunidade de direcionar o conteúdo e os esforços para o que a turma está precisando.

Entrevistadoras: Bom, você usou as palavras: mãe, amor e potencial para responder a uma questão sobre o significado do OSCE para o professor. Você acha possível juntar essas palavras e relacioná-las com o OSCE?

Fabiane Ferreira: Difícil, hein? Quando você traz o potencial e essas duas outras palavras tão fortes, mãe e amor, elas se misturam bastante. A mãe tem o lugar do afeto, mas também o da correção. E como utilizar afeto e correção de forma equilibrada para gerar potência? É necessário aproximação. Quando você se dirige para o outro ser, por exemplo, o estudante, com esse amor, não no sentido piegas do amor, mas o amor como um sentimento bom, um sentimento de compaixão, de auxílio, o resultado disso é potência. E aí você me fez lembrar do filósofo Espinosa que fala dessa potência dos encontros. Ele diz que há encontros que potencializam e encontros que tiram sua energia. Os encontros que potencializam fazem você experimentar a felicidade, e aqueles que o diminuem levam você à tristeza. Quando pensamos no ensinar, em ajudar na transformação do outro, nós precisamos ser amor. E eu concordo com Espinosa: o resultado de uma boa relação, de um encontro bom, realmente, é a potência. Então, tentando pensar na avaliação formativa, eu acredito que o aluno tem que sair dessa experiência potencializado, fortalecido, conhecendo melhor a si mesmo, percebendo seus pontos fortes e suas fraquezas, mas com direção para aprimorar-se. Não pode sair dali diminuído, achando que ele errou e acabou, ou perdemos o caráter formativo da avaliação. A experiência tem que transformar você! Tem que servir para você querer melhorar, dar um passo à frente. Eu conseguiria colocar mãe, amor e potência dentro do OSCE dessa forma.

Entrevistadoras: Pensando no OSCE e, conseqüentemente, no processo de avaliação mais significativo e eficiente para os cursos de graduação em saúde, como você vê as perspectivas futuras e o impacto desse tipo de avaliação para a sociedade?

Daniela Vaz: Os processos de avaliação de competências, que vêm se somar às avaliações de conhecimento que já fazemos tradicionalmente, são fundamentais para garantir que os estudantes dos cursos da saúde atinjam as competências mínimas para o exercício profissional. Afinal, deles esperamos, não apenas, que saibam o que fazer, mas que saibam *como* fazer o que precisam. Isso é *know-how*. Além disso, como dizem, no longo prazo o rabo balança o cachorro: as práticas de ensino acabam tendo que mudar também para se

adequar e garantir que ensinaremos não só conhecimentos factuais e informações, mas também habilidades e atitudes. Assim, atingiremos o sentido da palavra formação em sua plenitude.

Entrevistadoras: Como você vê o futuro do OSCE dentro da UFMG, no que diz respeito à sua interdisciplinaridade, levando em conta sua operacionalização?

Paula Arantes: Eu vejo o OSCE como uma ferramenta muito promissora de avaliação das competências dos alunos da UFMG, inclusive, contribuindo para a interdisciplinaridade. Temos caminhado para um currículo voltado para a formação de competências, para além do conteúdo. E o OSCE é uma ferramenta que nos permite avaliar, além do conhecimento, as habilidades e atitudes que consideramos importantes para a formação do aluno. As tradicionais provas de múltipla escolha também são instrumentos importantes de avaliação, mas não conseguem cobrir todos os seus aspectos importantes, restringindo-se à avaliação do saber. Assim, acredito que será um instrumento de avaliação cada vez mais utilizado nas diferentes disciplinas. Já temos ampliado sua utilização para os alunos de períodos mais iniciais do curso e vejo que é um movimento que deve acontecer com mais força nos próximos anos. Diante disso, temos que ampliar nosso leque de recursos para possibilitar, também, uma avaliação nas dimensões do fazer e do ser, estar e relacionar-se. Considerando a complexidade dos problemas que se apresentam aos profissionais de saúde, a necessidade de interação com outras áreas de conhecimento ficará cada vez mais evidente. Hoje, o OSCE já promove a interação entre estudantes do curso de Belas Artes e de alguns cursos na área da saúde. Acredito que essas relações serão cada vez mais ampliadas, com expansão para outros cursos. O OSCE pode, por exemplo, ser realizado em equipes com estudantes de diferentes áreas, que precisam resolver problemas em conjunto. Nesse sentido, o OSCE pode contribuir para a compreensão dos papéis dos diversos profissionais e da importância dos diversos saberes, para avaliação de competências relacionadas à tomada de decisão compartilhada, comunicação e trabalho em equipe. Vejo que algumas questões podem trazer dificuldade para a operacionalização do OSCE, especialmente, abrangendo diferentes disciplinas dentro da Universidade. É importante que existam comissões de elaboração do OSCE que sejam interdisciplinares. Para tal, deve haver interação entre os docentes dos vários cursos, o que pode contribuir para a construção de um espaço no qual o conhecimento é compartilhado. Discussões sobre campo e núcleos de saber devem ser frequentes nesse espaço. A melhor comunicação entre docentes, certamente, impactará na interação entre discentes. A necessidade de local apropriado para avaliação também se constitui em um importante obstáculo. É necessário um investimento da Universidade para a construção de espaço adequado com salas de observação espelhadas que possam receber alunos dos diversos cursos. Muitas vezes, o OSCE é realizado em espaços improvisados que dificultam a sua realização de acordo com as recomendações e que demandam muito investimento pessoal dos docentes. Os desafios existem, mas não acredito que eles possam

ser superados diante de inúmeros benefícios para a formação dos estudantes. Não tenho dúvida de que estamos avançando em relação à avaliação dos estudantes, em especial à avaliação formativa, contribuindo para o desenvolvimento das competências necessárias aos estudantes desta Universidade.

Érica de Matos Reis Ferreira

Graduada em Fisioterapia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), pós-graduada em: Metodologia do Ensino Superior pelo CEPENMG (2001), Processos de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública (2006) e Auditoria de Sistema de Saúde pela Estácio de Sá/BH (2017). Bolsista CNPq do Programa de Mestrado em Ciências da Reabilitação pela UFMG (2018-2020).
ericamrf3@hotmail.com

Fabiane Ribeiro Ferreira

Professora adjunta do Departamento de Fisioterapia da UFMG e coordenadora do curso de graduação em Fisioterapia da UFMG. Graduada em Fisioterapia pela UFMG (1999); mestre em Ciências da Reabilitação pela UFMG (2006), doutora em Saúde Pública com ênfase em epidemiologia pela UFMG (2010) e pós-doutorado em Ciências da Reabilitação pela UFMG (2014). Experiência na área de Fisioterapia com ênfase em Gerontologia e Saúde Pública, principalmente nos temas: envelhecimento e urbanização, envelhecimento, participação e trabalho, intervenção interdisciplinar, funcionalidade e incapacidade, saúde do idoso, atenção primária e saúde urbana.
fabianerf@hotmail.com

Paula Maria Machado Arantes de Castro

Professora adjunta do Departamento de Fisioterapia da UFMG. Graduada em Fisioterapia pela UFMG (2004); mestre (2006) e doutora (2011) em Ciências da Reabilitação pela UFMG. Pós-doutorado em Ciências da Reabilitação pela UFMG. Tem experiência na área de Fisioterapia, com ênfase em gerontologia, saúde pública e neurologia, especialmente nos temas controle postural e envelhecimento, osteoartrose e educação em saúde.
paulamma@gmail.com

Daniela Virgínia Vaz

Atua como professora adjunta do Departamento de Fisioterapia da UFMG. Graduada em Fisioterapia pela UFMG (2003); mestre em Ciências da Reabilitação pela UFMG (2004), PhD pela University of Connecticut (2013). Atua principalmente em ensino e pesquisa ligados ao controle e aprendizagem motora e reabilitação de pacientes com disfunção neurológica.
danielavvaz@gmail.com